

Agronegócio Sucroenergético: Uma Reflexão

Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

caio@canaplan.com.br

Desde a aceitação da enorme maioria dos cientistas sobre os efeitos das ações humanas e no aquecimento do planeta, a luta pelo processo de descarbonização dos combustíveis é constantemente questionada ou adiada pela lógica econômica e/ou estratégica. Os custos elevados de produção do etanol produzido a partir dos grãos além do questionamento sobre a insegurança alimentar resultante dos riscos do aumento da demanda do biocombustível produzido pelos cereais, levou a nova onda tecnológica da chamada segunda geração do etanol, a partir das celuloses vegetais. Como isso parte dos países ricos do hemisfério norte, onde o mercado de combustíveis é enorme, o processo atual de aceitação em escala do bioetanol sofre volatilidade e soluções constantes. Esse processo, no mundo rico, passou a ficar absolutamente dependente dessa tecnologia em desenvolvimento, cujos frutos, em escala, devem surgir lá por 2020. Imaginem todo resto vindo das culturas agrícolas, no mundo, fermentadas e se transformando em biocombustíveis..... esse é o caminho da “commodity” etanol.

Mas e o Brasil? É o mesmo caminho? E as inovações que surgem durante o trajeto, podem mudar o caminho?

Em primeiro lugar, o etanol de cana no mundo tropical já é competitivo frente à gasolina desde a década de 1990, além de ser considerado, na atual lei norte-americana da energia, como biocombustível avançado. A segunda geração, com palhas e bagaço, torná-lo-á insuperável! Dessa forma, o caminho, para o Brasil, seria o de expandir a oferta, agregando valor à cana, com o uso de subprodutos, gerando empregos descentralizados, capacitando mão-de-obra em processo de mecanização agrícola e automação industrial.

Em segundo lugar, o Brasil teve uma recaída de dependência de gasolina, que, sem a expansão da oferta de etanol e sem Refinaria de Petróleo expandindo a oferta de gasolina, faz um verdadeiro retrocesso, sujando a sua matriz energética, ainda limpa, criando um buraco nas contas da Petrobrás (importa gasolina por 100 e vende por 70) e, com preços represados face inflação, retira a margem do etanol, estagnando a oferta. É um círculo vicioso e que pode reservar ao Brasil, na virada de 2014 para 2015, uma herança maldita de proporções gigantescas.

Ao se olhar ao redor, no mundo norte-americano, a surpreendente emergência do gás de xisto (shale gas) é uma ruptura sobre energia naquele país, virando o jogo geopolítico da energia! Falta não poluir as águas subterrâneas e não emitir metano, o que o pacote da inovação deverá trazer no tempo. O impacto disso no mundo, é, ainda, difícil de medir. Outros países, como o Brasil, também tem essas reservas. O pré-sal, provavelmente, será pressionado em algum tempo.

Vive-se hoje, infelizmente, o tempo do passado em energia, crescendo a fóssil. Tem-se previsão do governo brasileiro do aumento da energia renovável na matriz energética, mas as ações são em sentido contrário.

*Presidente da ABAG

Vive-se no Brasil o tempo das eleições, antecipadas de uma forma cruel aos brasileiros. Ninguém merece crescimento de 2% ao ano, inseguranças e viver até novembro de 2014 as expectativas de um novo governo. É muito tempo!

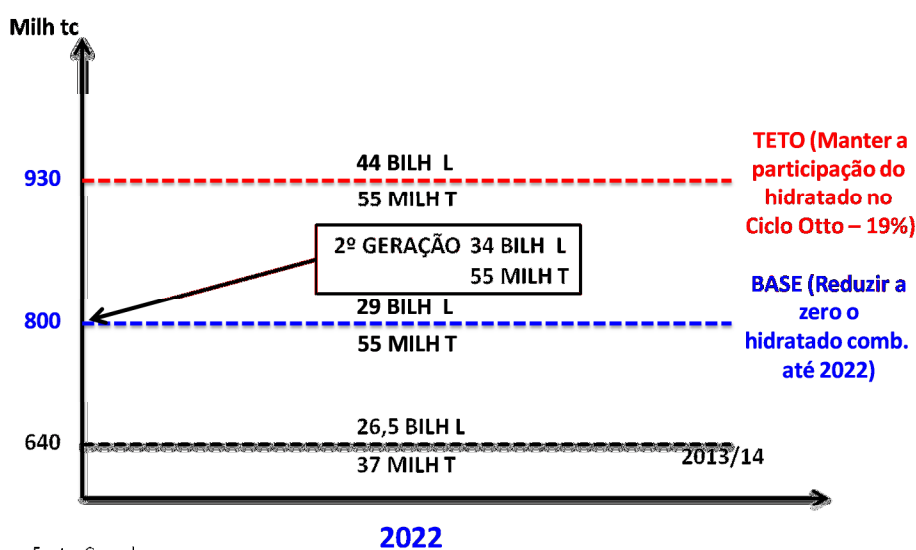
As pessoas que vivem nas cidades, temem o desemprego, a inflação e os sonhos perdidos. As pessoas que vivem dos suportes sociais vivem o incômodo de uma potencial mudança. As pessoas que pensam o país, vivem a tragédia do tempo, cujo ritmo não se preocupa com a falta de opção. Da cana saem produtos sem intervenções de governo, mas com proteção externa, como o açúcar. O mundo dependerá do Brasil para ter açúcar mais barato. Hoje, 55% da cana moída, é para etanol, sendo dele total, 60% para o tipo hidratado, massacrado pelos preços estagnados da gasolina, pelos impostos elevadíssimos que paga e, por outro lado, com um crescimento formidável de demanda (o hidratado é o etanol que compete com a gasolina). Ele está sob pressão..... a corrida para o açúcar gerará queda de preços..... a gasolina crescerá tremendamente demanda, sem oferta interna..... é um olhar ao passado, que não traz saúde.

Sendo assim, um olhar de “proa” é fundamental, vislumbrando médio e longo prazo para o setor sucroenergético do Brasil. Tudo dependerá das margens do etanol, de sua condição de sobreviver à política intervencionista do governo brasileiro. O açúcar, vai e irá muito bem, com o predomínio brasileiro.

A figura mostra cenários possíveis em dez anos. Do “teto” (com o etanol hidratado mantendo seu share atual) à base (com ele sendo aniquilado passo a passo, como carburante), pode-se ver a importância da política pública. Neles, a visão da 2ª geração de tecnologia mostra impacto importante de menor área, mesmo com projeção conservadora.

O açúcar, em dez anos, aumentará em 50% a demanda atual, em qualquer cenário.

SETOR SUCROALCOOLEIRO CENÁRIOS DE DEMANDA - BRASIL ⁽¹⁾



Fonte: Canaplan

(1) Açúcar cresce 50% a demanda atual.

Em síntese, quem viver, verá!